

A Socialização do Saber: uma necessidade

Entrevista com a Prof^a Dr^a Creusa Capalbo, Vice-Diretora do IFCH/UERJ

Eduardo Viana

Em novembro de 94, a Professora Dr^a Creusa Capalbo, vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), recebeu a **LOGOS** em sua sala, na UERJ. Professora do mestrado em Filosofia, Creusa Capalbo é mestre e doutora em Filosofia pela Universidade de Louvain (Bélgica). Ela já exerceu as funções de sub-reitora de Ensino e graduação na UERJ e chefe do Departamento de Filosofia do IFCH. Recentemente foi eleita representante do Centro de Ciências Sociais no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CSEP/UERJ).

Por que a senhora resolveu integrar o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa?

Basicamente por duas razões: primeiro porque será levado ao Conselho o projeto que vai analisar a dedicação exclusiva na Universidade. E é do interesse da Universidade, da pós-graduação, e acredito que de grande parte dos professores, a implantação dessa dedicação exclusiva na UERJ. E a segunda razão, porque eu pretendo lá representar realmente nosso Centro de Ciências Sociais (CCS) e a UERJ, na defesa dos interesses da pós-graduação particularmente; e pretendo ter ainda, uma participação ativa na discussão sobre o estatuto, a famosa estatuinte, representando as posições do nosso Centro e a discussão mais ampliada.

Do ponto de vista filosófico, o que é o saber?

A Filosofia, tradicionalmente, usa essa expressão "saber" no seu sentido etimológico, que significa amor à sabedoria. O sábio não é necessariamente aquele que tem um acúmulo de conhecimentos, mas é aquele que sabe pensar e perguntar o porquê das coisas. Sentir-se num certo sentido até "maravilhado" diante do cotidiano, da beleza de uma flor, e perguntar: "Afim, qual é o sentido disto?", "Por que disto?". O saber, para a Filosofia, é uma atitude inicial que leva ao

questionamento, à busca do sentido de significação das coisas. Então não tem compromisso, necessariamente, com o saber do tipo técnico ou prático, como a gente às vezes pensa que é o saber.

A senhora acha que nas universidades de uma forma geral existe esse entendimento do saber como uma procura do conhecimento e não o conhecimento propriamente dito?

Eu acho que a UERJ tem dado grandes passos nessa direção, na medida em que ela tem procurado incentivar e desenvolver a pesquisa; porque é fazendo pesquisa que esse saber vai sendo buscado, desenvolvido em cada campo. Poderíamos dizer que uma universidade se faz em busca desse saber quando ela tem pesquisa, grupos organizados, linhas de pesquisa... E eu acho que a UERJ vai procurar se incrementar cada vez mais, e eu espero que isso se aprofunde.

O Prof. Dumerval Trigueiro Mendes afirmava que a "inteligência" estava muito afastada da realidade. A senhora concorda com isso?

Eu acredito que o que ele estava dizendo é que há uma certa tendência dos intelectuais a realizarem pesquisas que não tenham um impacto sobre a nossa realidade ou levando em conta essa realidade. E que, por isso mesmo, certos projetos de pesquisa, certas coisas que são feitas, não estão respondendo aos interesses maiores da nossa necessidade, da nossa existência. A gente poderia até dar um exemplo prático: nós temos uma linha de produção de engenharia de produtos materiais que é mais ou menos padronizada para construções e, no entanto, num país tipo tropical seria possível ter outras formas alternativas de construções que não requeressem tanto a utilização de luz (artificial) o dia inteiro, ar-condicionado ou coisas deste tipo. Isto é uma conquista recente que vem sendo feita no campo da Arquitetura, da Engenharia, e isto ilustra a defasagem que há entre a realidade e a formação.

Como a "inteligência" poderia se aproximar da realidade?

Acho que, em primeiro lugar, ela tem que conhecer a realidade brasileira e os problemas da nossa realidade. Sem conhecer esses problemas concretos da nossa realidade, não adianta você ficar fazendo em gabinete projetos e pesquisas que inventam em parte sobre a realidade. E é o que muitas vezes se faz. Acho que o conhecimento dos dados dessa realidade precisaria partir da própria pesquisa.

A universidade deve refletir as transformações sociais ou deve estar na vanguarda?

Eu acho que a universidade não vai refletir as transformações sociais; eu acho que ela deveria proporcionar pesquisas que dessem impacto para essa transformação.

Então ela está na vanguarda...

Ela deveria estar. Eu acho que, no caso particular da UERJ, nós temos muito ainda que caminhar para estar nessa vanguarda.

O que a sociedade como um todo espera ou deveria esperar da universidade?

Eu tenho a impressão que a grande maioria hoje procura uma universidade em busca de uma profissão futura que lhe dê a inserção no mercado de trabalho. E, de uma certa forma, essa sociedade, externamente à universidade, se organizou de tal sorte que as pessoas já vêm escolhendo cursos de acordo com a possibilidade até familiar de manutenção do estudante nestes cursos. Você raramente vê um estudante que trabalha fazendo faculdade de Medicina, faculdade de Odontologia. Então esse problema de autoseleção das carreiras e profissões mostra como a sociedade está vendo a universidade; quer dizer, aquelas carreiras privilegiadas que uma certa classe pode frequentar, outra não pode, então ela prefere outros cursos que, socialmente falando, são menos privilegiados em termos de status.

A universidade foi criada como um ambiente de troca de idéias e de reflexão acerca dos acontecimentos e acerca da produção científica. E hoje parece que ela está se transformando num ambiente de profissionalização, mais do que de produção de conhecimentos. Como a senhora analisa isto?

Nas suas origens, a criação da universidade no Brasil, através de suas faculdades inicialmente, já tinha por objetivo a formação de profissionais. E quando se concebeu um projeto de universidade, foi um projeto de junção de faculdades já existentes sem a organicidade efetiva para uma visão de universidade. Então você tem aqui no Brasil, no início do século XX, a criação da universidade onde não havia ensino e pesquisa integrados. Eu acho que, na realidade, não foi com o objetivo de produção de saber que as universidades brasileiras foram criadas. Elas foram criadas para formar profissionais, formar professores, formar médicos, engenheiros... E toda essa linha de produção científica começou a surgir quando, a partir das décadas de 60/70, se começou a ver a necessidade da pesquisa, porque sem pesquisa você não pode fazer produção de saber. Ficaria sendo apenas um transmissor de conhecimentos.

O quê é socialização do saber?

Bom, a socialização do saber é a difusão desse saber não só dentro da comunidade acadêmica e científica, mas para toda a população.

Tem que haver uma conexão entre universidade e sociedade...

Exato. Eu acho que as formas de linguagem, os mecanismos dessa socialização vão ser diversificados. Eu posso socializar um saber que eu tenho num congresso entre especialistas, socializar o saber numa aula com os meus alunos numa universidade; mas tenho a obrigação de socializar esse meu saber num projeto de extensão que vá poder atender à população. Isso é que é socialização do saber, e eu acho que a universidade tem que caminhar para isso.

A socialização do saber é a integração entre a universidade e a sociedade na produção de conhecimento ou é a universidade só levar o conhecimento para a sociedade?

A sociedade não pode ser considerada como ratinho, cobaia de laboratório nosso. No entanto as sociedades que são pesquisadas também não podem perder de vista a condição de sujeitos que têm que ter no conhecimento das pesquisas e da razão de ser

desse objetivo, dessa finalidade da pesquisa. Portanto tem que haver uma certa participação ativa para que a gente não transforme a sociedade em objeto de nossa manipulação. E dilate o saber.

A UERJ parece estar ultrapassando um pouco seus limites físicos através do UERJ Sem Muros ou do Programa de Iniciação Científica, por exemplo. Como a senhora vê esse processo de mudança da UERJ em relação ao mundo externo?

Eu acho que a UERJ caminhou muito já nessa área de extensão, mas existem muitas outras coisas que podem ser feitas ainda. Cada setor nosso tem condições de dar uma contribuição para a comunidade do estado do Rio de Janeiro. Eu acredito que não se dê mais porque em determinados casos os professores estão totalmente ocupados com as atividades obrigatórias de ensino e pesquisa aqui dentro. Então é necessário que a extensão se organizasse de tal sorte que possibilitasse até uma ampliação de atividades e de docências em todos os campos de saber. Mas isso evidentemente implica em ampliação do número de docentes preparando estes programas, como por exemplo a *Universidade Aberta*, o *Ensino à Distância*. Para isso você tem que ter tempo, tem que ter pessoal; não se pode exigir do professor que tem que dar não sei quantas horas de aula, tem que pesquisar, tem que publicar, tem que dar cursos de extensão, que ele faça mais isso sem possibilidade objetiva de tempo.

Voltando à questão da profissionalização, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) foi criada no sentido de produzir para o próprio norte fluminense e tem algumas coisas interessantes que são uma formação básica comum para todos os estudantes e uma formação no sentido de voltar o profissional formado pela UENF para a região. Seria por aí uma proposta interessante?

Como proposta poderia até dizer que ela é interessante, mas eu diria que é interessante a proposta que a UERJ fez com o Instituto de Tecnologia (e Engenharia) em Friburgo, com a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, em Caxias, com a Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo... e que talvez, sem criar uma outra universidade, a gente pudesse ter criado era um campus de atenção da UERJ lá também, e não uma duplicação de universidade, entende? Eu acho que essa duplicação, a médio prazo, vai trazer problemas maiores para o estado.

Fale mais destas experiências da UERJ.

A Faculdade de Caxias, que é uma faculdade de Educação, pretende ser um pólo de desenvolvimento para atender à Baixada Fluminense. Então aquilo lá é um polo de crescimento e de irradiação que gerará um campus em Caxias. São Gonçalo já tem implantado isso. Que era um pólo que se absorveu e ficou sendo da UERJ, onde lá você tem um projeto em desenvolvimento para atender àquela região toda de São Gonçalo e periferia. O caso do Instituto Tecnológico em Friburgo foi um projeto feito com a prefeitura e com toda a indústria de Friburgo, visando formar profissionais na área de engenharia de ponta, que eles estavam precisando para o desenvolvimento de toda uma região vinculada a Friburgo e arredores.

Aqui no campus da Maracanã a UERJ também tem se aproximado da comunidade, da Mangueira, do Morro do Macaco, de Vila Isabel, através da Universidade da Terceira Idade (UNATI), da Unidade Clínica de Adolescentes (UCA), de projetos culturais... Essa seria a forma ideal de integração...?

Eu acho que isso é uma forma bastante próxima do ideal dessa integração.

E o que seria o ideal?

Eu acho que o ideal é a gente contribuir mais para acabar com a miséria, a violência, a falta de habitação, de trabalho e de educação do nosso estado.

Como é que nós, acadêmicos, poderíamos contribuir para isso?

Eu acho que, em primeiro lugar, tomando consciência do tipo de contribuição que cada profissional vai poder dar neste setor. Ou em termos profissionais ou em termos até cívicos de trabalho com a comunidade.

Então de uma certa forma poderíamos dizer que a socialização do saber seria importante para a formação do ser social.

Eu acho que sim. O ser social não se forma sem socialização.

* Eduardo de Carvalho Viana é formado em Relações Públicas pela FCS/UERJ e Assessor da Revista LOGOS